

Aquilino Machado*, Isabel André*, Fernando João Moreira**

* Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

** Centro de Estudos Geográficos e Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Percursos literários pelas vias da geografia libertária. Aquilino Ribeiro na Lisboa revolucionária – 1904 -1908

“Le rêve de liberté mondiale a cessé d'être une pure utopie philosophique et littéraire, comme il l'était pour les fondateurs des cités du Soleil ou de Jérusalem nouvelles ; il est devenu le but pratique, activement recherché par des multitudes d'hommes” (Reclus 2006)

A viragem do século XIX para o século XX foi percorrida por uma onda insurgente que abarcou a Europa, tendo como epicentro o desvelo utópico de um conjunto de ideias libertárias. O problema que conduz esta apresentação diz respeito ao modo como o ideário libertário foi desenvolvido pelo lastro de inúmeras geografias ficcionais que permanecem em muitos dos territórios atuais.

Aquilino Ribeiro, reconhecido como uma das figuras cimeiras da literatura portuguesa, viveu arrebatadamente o seu tempo, com rebeldia e inconformismo. Acalentando sempre o culto pela liberdade e uma inabalável confiança na igualdade como caminho irreversível da humanidade fez da escrita o seu combate inconformado pelos mais fracos, o que o aproxima bastante dos princípios defendidos por Kropotkin (1885) sobre a importância da igualdade, da cooperação e do combate contra a opressão, nas suas diversas escalas, mas também do pensamento de Reclus sobre as relações sociais ou territoriais de dominação.

Desde o humilde mundo serrano natal de onde lhe advém uma aguda consciência do binómio cultura-natura (que mais tarde se reflete nas suas obras, filtrada certamente pelas ideias de Reclus sobre o assunto), passando pelos Colégios da Lapa e de Lamego e pelo Seminário de Beja onde, conjuntamente com as letras e erudição, cimenta o seu carácter inconformado e indómito, até às vielas, personagens, cafés e organizações que, já em Lisboa, lhe acrescem a dimensão doutrinária da revolução social, Aquilino traça um percurso inicial de vida que o marcará para sempre como um lutador pela liberdade e pela justiça social.

O escritor beirão enquadrou na “atmosfera do seu tempo a essência que um seu contemporâneo, Ortega y Gasset, resumiu na expressiva autodefinição: yo soy yo y mi circunstancia” (Coelho, 1973). É este o mote e o objetivo deste ensaio: representar e compreender uma geografia libertária e insurgente através das paisagens literárias de Lisboa narradas pelo escritor. O confronto entre o imaginário e a sua vivência numa cidade e num período em que as ideias libertárias configuravam uma utopia que visava eliminar as profundas desigualdades sociais, o analfabetismo e o obscurantismo de um país pobre e periférico são o principal propósito deste ensaio.

A metodologia adotada usa distintas fontes: novelas, um livro de memórias, alguns estudos e críticas, e ainda um número limitado de crónicas escritas para os jornais da época (ver bibliografia). Através deste conjunto de criações literárias comparamos o jogo ficcional e a vivência real do espaço que a escrita de Aquilino Ribeiro reteve: por um lado, as encenações ficcionadas e as suas personagens que aparentam ser um

espelho do próprio escritor, por outro, as obras que narram os seus itinerários na capital do País.

A grelha de leitura desses textos vai permitir conduzir a análise de conteúdo e organizar as conclusões. Nas várias unidades semânticas dos diversos textos, são exploradas as seguintes categorias analíticas: (i) lugares; (ii) percursos; (i) intenções e ações; (iv) protagonistas. Trata-se de uma análise situada, o que implica a identificação dos contextos, específicos e geral. Os resultados a apresentar, devidamente circunstanciados, vão refletir precisamente, com o apoio de cartografia e de infografia, a geografia libertária de Lisboa (1904-1908) narrada por Aquilino Ribeiro.

Apresentam-se a seguir as principais linhas do contexto geral.

O itinerário insurgente começa a ser moldado quando o jovem beirão chega à cidade de Lisboa. A perspectiva geográfica deste roteiro revela-nos uma deriva residencial que caracterizava a atmosfera conspirativa da cidade de Lisboa. Quase como se os locais de residência se encontrassem condicionados pela sua circunstância social e política, por uma geografia da Lisboa ‘inconformada’ e da pequena burguesia que habitava as velhas ruelas da cidade antiga. Reside inicialmente na rua do Crucifixo, embrenhando-se na vida lisboeta, e especialmente na roda republicana. A rede de amigos republicanos contava com inúmeras personalidades, entre as quais o futuro regicida, Manuel Buíça (Almeida, 2003). A cartografia residencial abarca ainda a rua das Pedras Pretas, Rua do Crucifixo e Rua Nova do Almada, sublinhando a progressiva intensidade que ressoava no clima revolucionário, quase como um padrão de recrudescimento que o levaria primeiro à prisão, depois a fugir da cárcere, e, finalmente, ao exílio em Paris, em 1908.

As principais âncoras desta cartografia literária são os cafés dispostos em torno do Rossio, onde Aquilino Ribeiro fez a sua aprendizagem conspirativa contra a monarquia. Especialmente o café Gelo revelar-se-ia como a “universidade, e a antecâmara permanente da revolução. Cada um tinha os seus clientes, agrupados pela cor das ideias e das gravatas: republicanos, aficionados, poetas, batoteiros, e seria milagre que acampasse por ali um só que não acusasse estigma. Desconhecido que aparecesse era tal um moiro na costa. De mesa para mesa voava a palavra passe: Cuidado pode ser bufo!” (2008:144). Nesse lugar, dará os primeiros passos na Carbonária, encontrará revolucionários, estreitará amizade com aqueles que lhe encomendaram as primeiras traduções de folhetins anarquistas e, um pouco mais tarde, o seu emprego fixo como colaborador d’A Vanguarda, diário republicano (Vidigal, 1986). Dirá no seu livro de memórias quando era interrogado pelo juiz-corregedor Veiga, “papão dos republicanos e terror dos anarquistas” (Neto, 2010): “já confessei tudo a V. Exa. Eu sou um serrano em Lisboa... Mal assentei o pé, pus-me a ler Kropotkine e, por desgraça, na minha condição, pobre e desamparado, sem futuro, deixei-me contaminar pelas ideias extremistas” (2008: 197). A intensidade das suas convicções libertárias e o ambiente dos lugares onde viveu moldariam o seu espírito insubmisso até ao fim da sua vida.

Em 1963, discursando, por ocasião das comemorações do 50º aniversário da sua vida literária, disse: “meus queridos camaradas, olhem sempre em frente, olhem para o sol, não tenham medo de errar sendo originais, iconoclastas, o mais anti que poderem, e verdadeiros, fugindo aos velhos caminhos trilhados de pé posto e a todas as conjuras dos velhos do Restelo. Cultivem a inquietação como uma fonte de renascimento. E, enquanto vivermos, façamos de conta que trabalhamos para a eternidade e que tudo o

que é produção do nosso espírito fica gravado em bronze para juízes implicáveis julgarem à sua hora”.

Bibliografia

Obras de Aquilino Ribeiro analisadas neste ensaio:

(2008, 2ª Edição) Um Escritor Confessa-se, Memórias Póstumas. Lisboa: Ed. Bertrand.

(1958, 2ª edição) Maria Benigna. Lisboa: Ed. Bertrand.

(1969, 2ª edição) Lápides Partidas, Romance. Lisboa: Ed. Bertrand.

Crónicas em revistas: ‘Ilustração Portuguesa’ e ‘Seara Nova’.

Outra bibliografia

Almeida H. (2003). “Aquilino Ribeiro – O fascínio e a escrita da Terra”
Comissão de Coordenação da Região Centro (pp 274)

Ferretti F., Pelletier P. (2014). En los orígenes de la geografía crítica.
Espacialidades y relaciones de dominio en la obra de los geógrafos
anarquistas Reclus, Kropotkin y Mechnikov. *Germinal Revista de
Estudios Libertarios*: 57-72. <hal-00954956>

Ferretti F. (2012). The correspondence between Élisée Reclus and Pétr
Kropotkin as a source for the history of geography. *Journal of Historical
Geography*, 37: 216-222. <10.1016/j.jhg.2010.10.001>. <hal-01018829>

José A.-F. (2008). “História Física e Moral”. Lisboa: Livros Horizonte.

Lafaille R. (1989). En lisant Reclus. *Annales de Géographie*, vol 98, n. 548:
445-459.

Mendes M. (1960). Aquilino Ribeiro, a obra e o homem. Lisboa: Arcádia.

Neto P. (2010). Da Monarquia à República. Tempo, espaço e Aquilino. *Revista
Aquilino*, 2: 300 -313

Reclus E. (2006). *L’Anarchie*. Paris: Éditions Marée Noire.

Robic M.-C. (2006). Elisée Reclus visited and revisited. 2006. <halshs-
00734128>

Rosas F. (2007). Lisboa Revolucionária, 1908 - 1975. Lisboa: Edições Tinta-da-
China.

Sobral J.M. (2002). A Etnografia de Aquilino Ribeiro. *Antropológicas* 6: 7-41.

Springer S., Ince A. (2012). Reanimating Anarchist Geographies: A New Burst
of Colour. *Antipode* Vol. 44 No. 5: 1591–1604

Springer S. (2012). Anarchism! What Geography Still Ought To Be. *Antipode*
Vol. 44 No. 5: 1605–1624

Stoddart D.R. (1975). Kropotkin, Reclus and ‘Relevant’ Geography. *Area*, vol.

7, No. 3: 188-190.

Vidigal L. (1986). O jovem Aquilino Ribeiro. Lisboa: Livros Horizonte.